

PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 02, EPISÓDIO 03
OS ANTIVACINA CONTRA-ATACAM

THAIS: Oi, gente. Uma recomendação e um recado antes de a gente partir pro episódio. Começando pelo recado: se você conhece o Ciência Suja, sabe que os nossos episódios são independentes e em geral não precisam ser ouvidos na sequência. Mas nesse aqui a gente vai retomar o tema do movimento antivacina, que tá no nosso quinto episódio da 1a temporada. Então, se der, a gente recomenda que você volte lá pra escutar. Chama "A ameaça antivacina". Algumas coisas vão fazer mais sentido se você fizer isso.

THAIS: E agora a recomendação. A turma do podcast 37 Graus e da Revista AzMina se juntaram e lançaram uma temporada chamada Corpo Especulado. É um trabalho incrível que mostra como o corpo feminino é encarado pela ciência até hoje, entre outras coisas. Eu ouvi o primeiro episódio e, sério, é um choque de realidade. E agora bora pro nosso episódio!

((MÚSICA))

Gritos: Quem vai se responsabilizar, quem vai se responsabilizar, quem vai se responsabilizar

THEO: Esses gritos que você está escutando são da plateia presente no primeiro encontro dos abre aspas "invisíveis experimentais", que aconteceu no Hotel Pestana, numa região nobre de São Paulo no dia 17 de julho de 2022. Quem puxou esses gritos foi o apresentador do evento, o John Kage, um consultor de negócios bolsonarista que é figurinha carimbada nas manifestações de extrema-direita em São Paulo. Ah, o cara também é candidato a deputado estadual.

THEO: E essa gritaria aí é voltada para quem vai se responsabilizar pelos supostos vários casos de pessoas que morreram ou ficaram cheias de sequelas depois de tomarem a vacina da Covid. Essas pessoas que seriam as invisíveis experimentais. "Invisíveis", porque estariam sendo negligenciadas ou escondidas do público, e "experimentais" porque todas as vacinas contra o coronavírus não teriam passado pelos testes necessários, o que não é verdade.

THEO: Bom, enquanto o Kage entoava esse mantra, ele abraçava uma mulher, a quem ele deu o apelido de “general”. A general era a Maria Emilia Gadelha Serra, aquela mesma do nosso episódio da ameaça antivacina, a médica viking. Hoje dá até pra dizer que a Maria Emília é a personagem principal do movimento antivacina brasileiro. Ela é otorrinolaringologista, presidente da Sociedade Brasileira de Ozonioterapia Médica e nunca realizou um estudo sobre vacinas na vida.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

É o seguinte. Eu fiz uma surpresinha. Hoje, vocês vão ter direito a um striptease.

THAIS: Essa é a voz da Maria Emília, mas aí ela está em outro evento. É uma manifestação antivacina que aconteceu no dia 31 de julho em plena Avenida Paulista, a avenida mais conhecida de São Paulo. O tal striptease era uma cena meio ridícula na verdade, em que a Maria Emília tirava uma camiseta e mostrava a de baixo, que tinha um dizer sugestivo do movimento antivacina. Aí ela falava umas groselhas e tirava mais uma camiseta pra mostrar outra por baixo com mais uma frase na mesma linha.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

É o seguinte, olha só a primeira camiseta. Que vocês estão vendo? Abravac. Certo, é a única associação de proteção das vítimas de vacinas e medicamentos, é uma associação nacional que foi fundada no Acre em função das meninas, principalmente da vacina HPV. Vítimas.

THAIS: A Associação Brasileira de Vítimas de Vacinas e Medicamentos, Abravac, é sempre mencionada pela Maria Emília. Ela é a primeira associação antivacina estruturada do país, e foi fundada por mães de jovens que teriam sofrido reações graves por causa da vacina do HPV, como convulsões. Esse também é um caso que nós abordamos naquele episódio da nossa primeira temporada e que no fim das contas não tinha a ver com a composição da vacina.

THEO: E a gente voltou pra esse tema por dois motivos. Primeiro porque quando nós já estávamos tocando a segunda temporada, o pessoal do Instituto Questão de Ciência ficou sabendo de uma possível hesitação vacinal sistêmica no Acre e propôs uma parceria para a apuração do caso. As taxas de cobertura da vacina do HPV tinham despencado para quase zero, como uma fonte contou.

SONORA SOCORRO MARTINS

HPV. Logo que começou: 2014. Acre. Rio Branco, nós ficamos com a primeira dose 92%. “Tá ótimo, né!” Ótimo! 2019... Aí já na de 10 anos, 0,51%. De 11 anos, 0,22%. Não chegou nem a meio por cento de vacinados. 12 anos, vacinamos apenas 0,21%.

THAIS: Segundo que esse movimento antivacina do HPV se uniu com o pessoal que é contrário à vacina da Covid. Na prática, virou tudo uma coisa só, um movimento antivacina brasileiro que começou a fazer mais barulho e a ganhar adeptos, inclusive entre profissionais de saúde.

SONORA OSVALDO LEAL

A vacinadora, experiente, de sala de vacina, de muito tempo me conhecia, sabia que eu era médico. Ainda assim me interpelou: o senhor tem certeza que quer dar essa vacina para minha filha? Sim, eu vim pra fazer isso.

THAIS: Nas duas últimas semanas de julho, que separam o evento Invisíveis Experimentais e a manifestação antivacina na Paulista, a gente entrou de cabeça nesse buraco de minhoca. Nós fomos do Hotel Pestana direto pro Acre para calcular o estrago feito por essa turma na vacinação, em especial a do HPV e a da Covid.

THEO: Foi difícil, mas a gente sobreviveu... E no caminho encontramos só coisinha “leve”: profissional de saúde contraindicando vacina, perseguição a jornalistas, lobby feito em cima de notícias falsas, denúncia ignorada pelo conselho de medicina, pseudociência ofertada como “cura” para sequela de vacina... E o pior de tudo: isso tá sendo usado como plataforma de campanhas eleitorais, e muita gente corre perigo ao acreditar nessas mentiras.

SONORA OSVALDO LEAL

É muito possível que a gente crie uma geração inteira de indivíduos suscetíveis a doenças, e aí vendo essas doenças retornarem, o sarampo retornando, casos de paralisia infantil.

THEO: Eu sou o Theo Ruprecht.

THAIS: Eu sou a Thaís Manarini. E este é o Ciência Suja, o podcast que mostra que, em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

((SOBE SOM TRILHA))

THEO: Antes de entrar nessa história pra valer, é importante dizer que esse episódio não seria possível sem o Instituto Questão de Ciência, que deu a letra do caso, ajudou

no meio de campo e dividiu os custos da apuração. Esse episódio é uma parceria nossa com eles, e inclusive rendeu também uma reportagem por escrito no site da Revista Questão de Ciência. Então agora sim, vamos lá.

THAIS: Então, desde o nosso episódio sobre o movimento antivacina da temporada passada, a gente está de olho nos grupos desse pessoal em redes sociais e aplicativos de mensagens. O nosso integrante mais obcecado com isso é o Felipe, o editor aqui do Ciência Suja.

THAIS: Foi em um desses grupos que ele ficou sabendo do “Primeiro Encontro dos Invisíveis Experimentais”, que aconteceria em julho de 2022 aqui em São Paulo. O evento seria organizado pela ABRAVAC, aquela associação antivacina com sede no Acre. A promessa era de uma reunião entre as supostas vítimas de reações à vacina contra a covid-19, com direito a palestras de médicos, advogados, cineastas, jornalistas e por aí vai. Quase todo dia pipocava um cartaz do evento nesses grupos antivacina.

THAIS: Dava pra participar tanto online quanto presencialmente, pagando um ingresso de 35 reais. Todo o valor arrecadado seria destinado à Abravac, segundo o cartaz. Pois bem, o Felipe comprou um ingresso e foi participar pessoalmente desse encontro. Chega mais, Felipe! Conta aí como foi sua manhã de domingo com o movimento antivacina brasileiro.

FELIPE: Oi, pessoal! Então, aquele domingo foi um dia no mínimo inusitado, eu acordei na minha casa em São Paulo, estive num evento com grandes figuras antivacinas e fui dormir em Rio Branco, na capital do Acre. Mas a gente chega lá. Vou falar do primeiro do evento.

FELIPE: No dia anterior ao encontro, eu recebi dos organizadores do evento um cronograma com os nomes e horários das palestras do dia seguinte. E tinha muita coisa programada, eu contei meio por cima e eram quase 50 pessoas pra falar em 10 horas de evento, com algumas pausas programadas.

FELIPE: Segundo os materiais de divulgação, seriam 250 vagas presenciais. Na véspera do evento, a organização estava dizendo no grupo do encontro que restavam poucos lugares. Eu assisti a todas as palestras da manhã e, apesar de muita gente entrar e sair da sala durante as falas, a lotação não chegou na metade do salão, então não tinha nem perto de 250 pessoas.

FELIPE: Nas paredes, tinha um monte de cartazes em papel preto com fotos de pessoas que supostamente tiveram problemas graves de saúde ou morreram depois

de serem imunizadas contra a covid-19. Tinham também alguns banners com o logo da Abravac e o PIX pra doações. Tem algumas fotos desse dia no nosso site e nas nossas redes sociais.

FELIPE: Bom, atrasou um pouco pra começar o evento, coisa de meia hora, e, enquanto esperava, eu fui reconhecendo alguns personagens que tinham aparecido naqueles vídeos compartilhados nos grupos de mensagens. Entre eles, claro, estava a médica Maria Emilia Gadelha Serra.

THEO: Uma pausa aqui. Antes da cruzada contra os imunizantes, a Maria Emília era famosa por tentar forçar a entrada da ozonioterapia no SUS como tratamento médico para várias doenças. Só que essa técnica não tem comprovação científica, e é considerada experimental pelo Conselho Federal de Medicina. Ou seja, ela não pode ser aplicada por médicos no dia a dia, embora esteja incluída na política de práticas integrativas e complementares do SUS, o que é um absurdo à parte.

THEO: A ozonioterapia é banida dos Estados Unidos desde 2003 para fins medicinais. O FDA, que é uma espécie de Anvisa de lá, publicou um posicionamento contrário à aplicação, ouve só:

O ozônio é um gás tóxico sem aplicação médica conhecida em terapias preventivas, específicas ou adjuvantes

THEO: Além disso, há relatos na literatura de embolia pulmonar e outros efeitos colaterais causados pela ozonioterapia.

THAIS: Então assim: a Maria Emília já seria uma personagem peculiar por insistir nisso. Mas, como a gente disse, ela resolveu atacar as vacinas sem ter sequer um estudo publicado sobre vacinas. Em 30 anos de carreira, ela publicou 3 artigos com cara de ciência, segundo seu currículo Lattes, a plataforma que agrega o trabalho dos pesquisadores brasileiros. Um é uma revisão sobre supostos benefícios da ozonioterapia, então nem pesquisa propriamente é. Ela tem também um artigo com dois relatos de caso de uma doença na laringe e um único estudo de verdade, sobre diagnóstico de câncer.

THAIS: Por outro lado, a página dela no lattes está cheia de pseudociências. São mais de 50 minicursos, e, ok, tem uns sobre otorrinolaringologia. Mas a partir de 2002 vem um show de horror: é especialização em iridologia, medicina ortomolecular, biorressonância e, claro, ozonioterapia.

THAIS: Enfim, ela sempre conta que chegou na questão antivacina meio que por acaso, quando buscava um tema para uma tese de pós-graduação e deu de cara com o caso das reações dos jovens no Acre.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

Fico pensando que, quando eu decidi estudar perícias médicas e numa reunião em Brasília me apresentaram o caso da vacina HPV no Acre. Isso faz uns 4 anos, talvez, e eu não tinha nunca ouvido falar que tinha algum problema com hpv no brasil.

THEO: Resumindo bem a história, a Maria Emília abraçou a versão de que foram os imunizantes que causaram crises estranhas nos adolescentes, mesmo depois de um estudo científico ter apontado outros motivos. Essa pesquisa mostrou que alguns jovens tinham doenças prévias não diagnosticadas, como epilepsia, e que a maioria na verdade havia sofrido a chamada reação psicogênica em massa. Ou seja, era o medo de tomar a vacina propagado na região que causava desmaios e mesmo convulsões, e isso alimentava mais esse medo. Era um círculo vicioso. Eu sei que isso parece loucura, mas esse tipo de efeito já foi registrado várias vezes na história.

THAIS: Enfim, a Maria Emília se colocou ao lado de um grupo de mães que acreditava nessa mesma história e, olha só que coincidência, começou a indicar a ozonioterapia para conter as supostas reações das vacinas. Aos poucos essas mães e a Maria Emília foram se aproximando, até que em fevereiro de 2021 surgiu a primeira associação antivacina do Brasil, legalizada, com sede e tudo. É a Abravac.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

Mas eu fico pensando como que eu desemboquei lá, e toda essa mudança começou, né? É muita mudança, tanto que resultou na fundação da Abravac. E a Abravac está aí agora, mais estruturada, organizada, legalizada, inclusive já entrou em ações no STM, né?

THAIS: Hoje, a Maria Emília tem uma clínica de medicina integrativa numa região nobre de São Paulo. A gente ligou lá e descobriu que a consulta custa R\$1800 e é meio obrigatório fazer uma biorressonância para ver o estado do corpo e do psicológico, ao custo de mais R\$1590. E tem mais: ela ainda oferece reversão vacinal.

THAIS: Depois do projeto piloto com o HPV, ela abraçou com vontade a causa antivacina da Covid. Pfizer, Coronavac, Janssen, Astrazeneca: nenhuma presta para ela. Além da clínica e da militância antivacina, em breve ela vai se dedicar a uma nova atividade: a carreira política. A médica é candidata a deputada federal pelo estado de

São Paulo pelo PRTB. Aliás, nas redes sociais dela tem até imagem com logo da Abravac promovendo a campanha.

THAIS: E é claro que uma das principais demandas do movimento antivacina tá entre entre as plataformas de campanha dela: é o fim da obrigatoriedade do comprovante de vacinação para entrar em certos lugares. E pro pessoal que não acredita nas vacinas, especialmente as contra a Covid, a Maria Emília é uma celebridade, praticamente uma heroína. O Felipe notou que ela fez muito sucesso com o público presente no encontro dos invisíveis experimentais, aquele que aconteceu em um hotel em São Paulo. Foi isso, Felipe?

FELIPE: Sim, eu fiquei com essa impressão! Uma coisa que me chamou atenção foi a empolgação das pessoas com a presença dela. Quando uma das mulheres do público pediu para tirar uma selfie com a Maria Emília, outras pessoas se empolgaram e fizeram fila para conseguirem uma foto ao lado dela. Tem registro disso no nosso site. E quase todo mundo que falou nos painéis fez questão de agradecer à Maria Emília pelo convite e pela organização do evento.

Clípe com agradecimentos diversos

FELIPE: Apesar de ser organizado em nome da Abravac, estava claro que aquele evento ali era, na verdade, pensado pela Maria Emília. E foi ela a primeira a falar.

SONORA

Vamos receber a doutora Maria Emília Gadelha Serra. *APLAUSOS*

FELIPE: Essa foi a primeira de várias vezes que a Maria Emília falou durante o dia. Em cada uma, ela abordou um tema diferente. Alguns dos argumentos e críticas às vacinas ela repete desde a história lá do Acre, como acusar conflitos de interesses de médicos que trabalham no desenvolvimento das políticas de vacinação e omissão dos conselhos de medicina. Ou denunciar um grande complô da indústria farmacêutica com a participação de nomes como Bill Gates e George Soros. Mas o que me espantou mais foi que, além das próprias vacinas, a Maria Emília elegeu um novo inimigo: a imprensa.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

Então vejam: tudo que vem desses veículos não presta. Literalmente.

FELIPE: Uma boa parte dessa primeira participação ela dedicou para fazer críticas às agências de checagem, que são veículos de comunicação especializados em checar

fatos e desmentir boatos. E o pessoal deve ter desmentido muita coisa compartilhada pela Maria Emília, porque ela chegou a chamar essas agências de...

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

Um poder alienígena e auto instituído dessas agências. Aqui apenas para que vocês conheçam as ligações criminosas entre eles

FELIPE: Eu estava achando tudo mais pro bizarro do que para qualquer outra coisa, mas eu fiquei preocupado mesmo quando a Maria Emília começou a expôr fotos, nomes e prints das redes sociais dos jornalistas dessas agências de checagem. Era meio que pra gerar uma perseguição mesmo.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

Esse senhor aqui, vejam a figura do Twitter dele. É uma pessoa altamente equilibrada, vocês não acham? Editor do Estadão Verifica, ex-presidente da Abraji, integrante do conselho de diretores do First Draft News, um dos fundadores do @comprova. Vacinado. Obviamente. Há esperança, não é? Há uma esperança.

FELIPE: Há uma esperança de que? Dele ter uma reação adversa grave ou fatal à vacina, que é o que ela acha que acontece? Piada de PÉSSIMO gosto, pra dizer o mínimo.

THEO: Esses relatos que o Felipe trouxe fizeram a gente inclusive avisar os nossos colegas que eles tiveram a imagem e os dados expostos. Uma das agências de checagem, a Aos Fatos, chegou a publicar uma notícia depois do nosso alerta e mandou um e-mail pedindo esclarecimentos para Maria Emilia. E olha o NAIPE da resposta que ela mandou, e ainda compartilhou nos grupos antivacina.

NARRAÇÃO

Solicito que publiquem minha resposta simples e clara: “Pimenta no final do tubo digestivo do outro é frescor” Quem sabe assim vocês começam a aprender a respeitar a história profissional de médicos sérios, já que se auto intitulam donos da verdade com um poder alienígena e nefasto que busca destruir reputações.

THEO: A Maria Emília escreveu ainda que o advogado dela tava em cópia no e-mail e que “recomendava” - entre aspas - que os jornalistas tomassem cuidado com o que escreveriam para não serem processados individualmente. Mas acima de tudo isso, o que mais chamou atenção da gente aqui no Ciência Suja foi a citação que a Maria Emília coloca depois da sua assinatura:

Uma Mentira Dita Mil Vezes Torna-Se Verdade. Joseph Goebbels

THEO: Sim, a Maria Emília pelo jeito acha razoável usar uma frase atribuída ao ministro da propaganda da Alemanha nazista como assinatura de e-mail, e como se fosse em tom de crítica. Só que o Goebbels supostamente falava isso com o sentido de estimular os nazistas a ficarem martelando suas versões falsas da história. E essa frase também apareceu num dos slides que a Maria Emília exibiu no encontro dos Invisíveis Experimentais.

THEO: Bom, mas seguindo com o evento. O que mais você viu por lá, Felipe?

FELIPE: Depois da Maria Emília veio uma enxurrada de palestras, que começou com a Edilene, presidente da Abravac, uma das mães das supostas vítimas da vacina. Em seguida, falaram pessoas que teriam sido afetadas pela vacina contra a Covid, documentaristas, jornalistas, advogados, promotores e mais médicos. E eu quero destacar a participação de dois deles. Um é o neurocirurgião Augusto Nasser, que foi chamado ao palco com a alcunha de “nosso big boss”. Ele bateu muito na aplicação da vacina em crianças. Mas a argumentação foi na mesma linha da Maria Emília, sem apresentar pesquisas confiáveis e colocando a culpa numa grande conspiração.

SONORA NASSER

Minha grande fúria hoje é em defesa das crianças. As crianças estão entre lobos. E esses lobos são as grandes farmas, os grandes sistemas, as grandes empresas que controlam as farmas.

FELIPE: O Nasser também disse que as vacinas estão tornando o vírus mais resistente - o que não é verdade - e defendeu o uso da ivermectina para tratar a covid, algo que a esta altura a gente tá cansado de saber que não funciona.

FELIPE: E já que a gente tá falando ivermectina, quem fez a defesa mais apaixonada dessa droga foi a médica ultrassonografista Lucy Kerr. Segundo ela, a ivermectina não só trataria, como preveniria a Covid, então seria uma substituta ideal para as vacinas. E se você já tomou a picada assassina, sem problemas! A ivermectina reverte os quadros de efeitos adversos da vacina. Um santo remédio!

SONORA LUCY KERR

“Podemos reverter os efeitos adversos? Sim, podemos reverter e eu tenho conseguido reverter até casos de paralisia. Eu fiquei impressionada com o poder dessa droga que se chama ivermectina em paciente que tinha covid, tava paralisada do pescoço pra

baixo, antes de ontem eu falei com ela e ela tá cada vez melhor com o tratamento. É uma droga multialvos, multiações. Qual a dose? Estamos testando.

FELIPE: Aliás, a Lucy Kerr acha que a ivermectina deveria ser estudada contra o câncer, ou contra todos os tipos de câncer, porque teria um grande potencial. E ainda perguntou na apresentação a quem interessaria a extinção da humanidade. A gente vai colocar o slide no site e nas redes pra vocês não dizerem que eu tô mentindo.

THEO: Boa, valeu Felipe. É uma coisa importante aqui: a gente decidiu não trazer as vozes das supostas vítimas da vacina que estavam no encontro, primeiro para não expor essas pessoas, que em geral estão sendo enganadas. E segundo porque, embora a gente fique sensibilizado, um relato de caso, sem uma investigação apurada, não prova que foi a vacina que causou o problema de saúde. As vacinas contra a covid podem gerar eventos adversos graves, mas eles são raros.

THEO: Um relatório do Ministério da Saúde sobre as 250 milhões de doses aplicadas nos primeiros 12 meses de campanha no Brasil aponta 11 óbitos comprovadamente relacionados às vacinas. Todos eram casos de um tipo de trombose. É um índice de 0,00000004%. Não travou não, gente, é tudo isso mesmo. Ou menos de 0,04 por milhão de vacinados.

THEO: Claro que nenhuma morte deve ser menosprezada, e por isso que existe esse sistema de vigilância. Mas aqui é uma conta de risco e benefício. Você não deixa de usar cinto de segurança porque tem uma remota probabilidade de ele sufocar você em uma batida de carro, entendeu?

THAÍS: E o benefício nesse caso é enorme. Segundo um estudo publicado no The Lancet, quase 5 milhões de vidas foram salvas só nas Américas pelas vacinas da Covid em 12 meses de vacinação. Na maioria dos casos que a gente vê nas notícias falsas, o que ocorre é uma associação temporal. A pessoa toma a injeção, mas a vida segue, e a vacina não gera uma imunidade contra tudo. Aí essa mesma pessoa pode ter um infarto uns dias depois e achar que foi a vacina. Mas não, ela infartou por outra causa, e foi uma coincidência isso acontecer perto da vacinação. Lá no evento Invisíveis Experimentais, apesar das dezenas de slides com entre aspas “provas”, não foi apresentado nenhum estudo de verdade comprovando a culpa das vacinas.

THEO: Bom, tudo isso aí aconteceu em uma manhã de evento. Mas o ritmo seguiu bem parecido à tarde e no começo da noite, inclusive com direito a ovação à Maria Emília pra fechar o encontro.

SONORA

Nada disso aconteceria se não fosse a doutora Maria Emilia Gadelha, que salva vidas 24 horas. Uma salva de palmas, em pé, todos em pé, sem ela nada disso acontece. Emília, Emília, Emília!

THEO: Isso aí o Felipe não viu ao vivo, porque ele teve que ir embora no intervalo do almoço pra pegar um voo no mesmo dia. Ele e a Chloé Pinheiro, a nossa produtora, se encontraram umas horas depois no aeroporto de Congonhas e embarcaram para cidade de Rio Branco, no Acre. A gente te conta o que eles descobriram sobre a atuação da Abravac lá do outro lado do país depois do intervalo.//

===== INTERVALO =====

THEO: Esse intervalo é para lembrar que o Ciência Suja tem o apoio do Instituto Serrapilheira, que financia a pesquisa e a divulgação científica. O nosso projeto não teria saído do papel se não fosse a força que eles nos deram.

THEO: E este episódio, em especial, contou com a parceria do Instituto Questão de Ciência. Eles também são nossos parceiros nos mesacasts publicados entre os episódios da temporada regular.

THEO: O Ciência Suja também faz parte da Rádio Guarda-chuva, uma rede de podcasts jornalísticos que reúne muita gente boa e trabalhos bacanas. Quem tem um recado hoje é o Rodrigo Alves, do podcast Vida de Jornalista, que conta as histórias dos nossos companheiros de profissão e traz temáticas quentes da área. Tem temporada nova no ar, com foco nas eleições.

RODRIGO ALVES E aí, gente, tudo bem? Rodrigo Alves. Já era ouvinte e fã do Ciência Suja. E agora feliz demais de ser parceiro de vocês na Rádio Guarda-Chuva e de quebra companheiro de quintas-feiras. O Vida de Jornalista também está com uma série no ar que sai às quintas, quinzenalmente. A gente vai se revezando, uma semana é o Ciência Suja, na outra é o Vida, eu estou falando sobre a série Eleições, uma produção original narrativa com os bastidores da cobertura jornalística da campanha eleitoral, a gente vai tratar de seguranças dos repórteres, ataques, assédio judicial, checagem de fatos, comentaristas, tem muito assunto para abordar nesse que certamente é o tema mais importante do jornalismo no segundo semestre de 2022. Espero que gostem, obrigado gente, e até mais.

===== VOLTA DO INTERVALO =====

++ Barulho de avião

Muito obrigado por escolher voar com a Latam, para sua segurança pedimos que permaneçam sentados até que o aviso de atar cintos seja desligado.

THAIS: Rio Branco é uma cidade receptiva, quente e às vezes parece meio vazia. É a terceira capital menos povoada do Brasil, com cerca de 420 mil habitantes. Tem muita gente de outros estados, que vai para lá em busca de trabalho, e poucos voos chegando por dia no aeroporto. Conta pra gente suas percepções do Acre, Chlô.

CHLOÉ: Bom, logo quando a gente chegou, na primeira manhã, nossa vista da janela do hotel era uma mistura de fumaça e copa de árvore. O pessoal disse que as queimadas são bem comuns nessa época do ano. E aí eles riram quando a gente perguntou se eram propositais. Estava bem difícil de respirar e dava pra ver as cinzas caindo do céu. De cara, deu pra sacar que esse é o tipo de problema que, se estivesse acontecendo num lugar como São Paulo, todo mundo já estaria sabendo. Traçando um paralelo meio solto, é mais ou menos o que tem rolado com a vacinação no estado.

CHLOÉ: Depois da história das meninas do Acre, a cobertura da vacina do HPV despencou. Inclusive a gente conversou com adolescentes na rua e não só a maioria não tinha nem ouvido falar da vacina, como algumas disseram que a mãe não deixou eles vacinarem por medo. A gente também falou com famílias envolvidas na história e profissionais com anos de trabalho em saúde pública. Um pessoal bem gente boa, aquele estereótipo do trabalhador do SUS apaixonado pelo ofício mesmo, sabe. A percepção de todas era parecida: a história da vacina do HPV mudou os rumos da vacinação no estado. Olha só o que disse uma das fontes que a gente conheceu lá, a Socorro Martins, que é chefe da Vigilância Epidemiológica de Rio Branco.

SONORA SOCORRO MARTINS

Para você ter uma ideia, nós só conseguimos cobertura adequada em BCG, porque BCG a criança não sai da Maternidade sem fazer a vacina.

CHLOÉ: Faz mais de 20 anos que ela trabalha no enfrentamento a doenças infecciosas, e sempre se orgulhou da boa adesão da população acreana às vacinas. Mas agora ela está preocupada com os rumos do estado. E não só ela.

SONORA OSVALDO LEAL

Teve esse evento que é muito particular do Acre, que de alguma forma criou um sentimento. Opa, espera aí, né? Parece que essa coisa não é tão boa como dizem, né? Pelo menos no consciente coletivo.

CHLOÉ: Esse aí é o Osvaldo Leal, médico do Centro de Referência em Imunizações Especiais, ou CRIE. O CRIE é um lugar que vacina crianças com comorbidades, em maior risco de ter reações adversas e outras necessidades específicas. Sim, porque mesmo quando a criança de fato tem risco, na maioria das vezes ainda vale tomar a vacina, porque o perigo de ficar sem é maior.

SONORA OSVALDO LEAL

E aí sim, no caso do Acre especificamente acredito que que a hesitação que a gente tem hoje, as negativas que a gente tem hoje com relação à vacinação, principalmente do público infantil, tem uma parte de influência desse movimento que se criou.

THAIS: Com coberturas escandalosamente baixas, o Acre parece ser o exemplo mais claro do que acontece quando a desinformação se soma a outras dificuldades atuais do programa nacional de vacinação, como os horários limitados dos postos de saúde. É verdade que, desde 2015, as coberturas nacionais vêm caindo. Mas o negócio é tão grave que a gente foi bater os dados do DATASUS com uma fonte pra ver se eles eram confiáveis mesmo - e são; aliás, obrigada Ethel Maciel!

THAIS: Para vocês terem ideia, 51% das crianças brasileiras completaram o esquema vacinal contra o sarampo em 2021, o que é muito pouco, metade da meta mais ou menos. Só que, no Acre, esse número ficou em 25%. Sim, você ouviu certo: só um quarto das crianças de lá tá protegida de uma doença que pode ser fatal e que já estava eliminada do país, mas voltou por causa das baixas coberturas.

THEO: O caso do HPV é o que mais chama a atenção. Em 2014, quando a vacina começou a ser aplicada, mais de 90% dos adolescentes tomaram a primeira dose. Dois anos depois, em 2016, quando o caso das supostas vítimas da vacina estava ganhando fôlego, já tinha caído para cerca de 10%. Em 2019, a cobertura foi de menos de 1%. Olha o nível da coisa: na faixa etária dos 9 anos, das 3 439 meninas e meninos que poderiam tomar a vacina em Rio Branco, só 5 foram imunizados. É uma cobertura de 0,15%.

THEO: Em 2020 e 2021, não tinha nenhuma dose cadastrada no sistema, mas a Socorro acredita que provavelmente foi por algum erro da plataforma ou da inserção dos dados. De qualquer jeito, pelo que o Felipe e a Chlô viram lá em Rio Branco, os números seriam bem fraquinhos nesses anos também. E pra piorar essa resistência à vacina do HPV pode estar se espalhando.

SONORA JOSE GALLUCCI-NETO

No Piauí, tá. Menos de 50% é o rosinha mais claro. Está ampliando. Está vendo: as pessoas não voltam para tomar a segunda. E menino é pior ainda. Esse aqui é o melhor estado do Nordeste.

THAIS: Esse é o psiquiatra José Gallucci-Neto, da USP, um dos responsáveis por atender as adolescentes em São Paulo e pelo estudo que resolveu o enigma das crises psicogênicas. Ele ficou de olho no impacto que a história teve na vacinação, que não foi pouco. Um parênteses: a queda nas coberturas da vacina do HPV também é atribuída a fatores como uma dificuldade histórica em vacinar adolescentes e um lance meio moralista, porque esse vírus é transmitido sexualmente, então vacinar seria um estímulo à iniciação sexual precoce. Estudos já mostraram que isso não é verdade. De qualquer forma a desinformação teve um peso aqui.

THAIS: Em 2020, a cobertura da vacina do HPV no Brasil inteiro estava em 55% para as meninas e 36% para os meninos, o que é péssimo, embora melhor que no Acre. Gente, essa vacina previne, entre outros tumores, o câncer de colo de útero, que mata 5 mil brasileiras por ano. Praticamente todos os casos da doença são causados por esse vírus, então esse é um dos poucos tipos de câncer que sumiria do planeta com uma vacinação ampla e contínua.

SONORA JOSE GALLUCCI-NETO

Isso é muito grave. Vamos lembrar só que no Acre, Rio Branco, tem uma das maiores mortalidades por câncer de colo de útero.

THAÍS: Segundo o Instituto Nacional do Câncer, no ranking de mortalidade por câncer de colo de útero, o Acre só perde pros seus vizinhos do Norte: Amazonas, Amapá e Roraima. Mesmo assim, tem gente com mais medo da vacina do que do câncer. A Chlô e o Felipe apuraram uns absurdos lá em Rio Branco nesse sentido.

CHLOÉ: É, a coisa ficou tão feia por lá que chegou no nível de ter vacina estragando nos postos, como a Socorro contou pra gente.

SONORA SOCORRO MARTINS

Então assim: termina vencendo as doses, porque nós temos no nosso estoque. Eles pedem pouquíssimo.

CHLOÉ: E pior: alguns profissionais de saúde que aplicam a vacina começaram a desencorajar ou dar desculpas pra não vacinar as pessoas.

SONORA OSVALDO LEAL

FELIPE: Porque que acabou seduzindo até os servidores?

Acho que primeiro porque eles fazem parte da sociedade, né? E contaminados pela informação que circula nos outros meios em que vivem na comunidade. Em que vivem na comunidade. E aí religiosa, na comunidade local, nas influências familiares nesses núcleos circulam também informações que falam contra isso.

CHLOÉ: Além do Osvaldo que você ouviu aí de novo, outra pessoa do CRIE que a gente entrevistou foi a Daíla Timbó. A Daíla é enfermeira e gerente do Crie, e olha, ela merece um agradecimento especial do Ciência Suja. Ela não só deu informações preciosas, como mimou o Felipe e eu com um café da manhã delicioso, levou a gente pra conhecer uma floresta e ainda aplicou a quarta dose da vacina da covid em mim.

SONORA

Sua dose.

De que lado?

Você escolhe.

Vou do direito então, que eu sou canhota.

CHLOÉ: Enfim, foi muito emocionante, gente, mas voltando pro problema: a Daíla reforçou pra gente que há uma resistência generalizada em relação à vacina do HPV.

SONORA DAÍLA TIMBÓ

Então a gente percebe que em alguns cenários do município, principalmente aqui em Rio Branco, os profissionais começaram a se recusar a atender, a realizar essa imunização por conta disso. Porque chegou até a gente tipo assim: “Ah, eu fui procurar a vacina e na unidade de saúde tal e a vacinadora disse que não tem a vacina, que a vacina não existe. Entendeu?”

CHLOÉ: E pra complementar, olha só que bizarra essa história que aconteceu com o próprio Osvaldo. Ele era aquela voz falando lá na abertura do episódio que foi levar a filha para se vacinar e a vacinadora tentou fazer ele desistir. Logo ele, que trabalha com vacinação, teve que ouvir uma profissional, que era bem experiente, perguntando se ele tinha certeza que queria vacinar a filha. O discurso da vacinadora pra ele foi esse:

SONORA OSVALDO LEAL

Mas é porque ela tá dando tanto problema, né? Mas que problemas ela tá dando? Não, é tem problemas assim aí. Segue fazendo relatos, né, de situações que teriam acontecido, numa estratégia de convencimento a mim de não fazer a vacina na minha

filha. E olha: profissional que trabalha com isso, a pessoa me conhecia. Fico pensando essa mesma narrativa sendo feita para todas as pessoas que procuram a vacinação.

CHLOÉ: Eu e o Felipe fomos em outras três UBS tentar conseguir a vacina contra o HPV, mas só em uma ela estava disponível. Nas outras duas, ouvimos que ela tinha vencido e que não havia em estoque. Isso a Daíla estranhou, já que tem estoque no estado, basta pedir.

THEO: Essas histórias que a Chlô e o Felipe encontraram são um microcosmo de algo que antes parecia impensável de ver: profissional de saúde brasileiro com medo da vacina e até advogando contra elas no Ministério da Saúde, na Câmara dos Deputados, no Senado e em assembleias e câmaras país afora.

SONORA JOSE GALLUCCI-NETO

A gente nunca imaginou que um ministério ia levar o movimento antivacina para falar em audiências públicas de igual para igual com cientistas. Eles conseguiram criar uma história do dois lados, né? Criar uma história da liberdade de expressão, né.

THEO: O Gallucci está se referindo à audiência pública feita no começo deste ano sobre a vacinação da covid em crianças, na qual o governo teve a coragem de convidar negacionistas para falarem sobre o assunto. Mas esse pessoal tem boas conexões na política, ainda mais no momento atual. A Maria Emilia Gadelha Serra é prova disso. Ela ficou sabendo da questão da vacina do HPV no Acre em Brasília. A gente ouviu de fontes diferentes que ela começou a se apresentar em 2019 como uma enviada da Damares Alves, ex-ministra da Família e dos Direitos Humanos. Ela não tinha documentos que comprovassem isso, mas usava uma foto com a Damares como credencial.

THAIS: E um fato rápido aqui: durante a pandemia, a Damares chegou a instituir uma “linha direta” para denunciar supostas reações adversas das vacinas da covid. Então o fato é que a Maria Emília se sentia acolhida e protegida para fazer sua cruzada antivacina no Acre.

SONORA MARIA EMÍLIA GADELHA SERRA

No dia que o avião pousou a primeira vez no Acre, eu senti uma energia, um negócio anormal. Não saiba explicar, deve ser a Floresta Amazônica, deve ser algo que tem nessa terra e mal eu sabia o que me esperava naquele dia.

THAIS: Em 2019, a Maria Emília fez seu lobby em Brasília. Ela aparecia do nada em uma sessão de apresentação dos resultados da USP na Câmara dos Deputados, mas também procurou o Ministério Público e diferentes políticos acreanos. Ela queria divulgar sua tese e chegou a se encontrar com deputados estaduais para apresentar um “estudo” que comprovava que mais de 40 jovens tinham sido “sequeladas pra sempre” por causa da vacina.

THEO: Os dados e o método da Maria Emília estavam furados, mas alguns deputados chegaram a abraçar a causa.

SONORA ALYSSON BESTENE

Alysson: Então e assim a gente vê que é um movimento que acaba entrando política pelo meio. E aí a ciência acaba perdendo

Chloé: Parece que é bem delicada para a política local, né? A gente tentou falar com o pessoal, e fugiram da gente para caramba.

Alysson: É, porque acaba depois vendo observando que não era bem assim, né?

THEO: Esse é o Alysson Bestene. Ele era secretário da saúde nessa época, e presenciou um possível motivo para Maria Emilia ter se dedicado tanto ao movimento antivacina no Acre. É que, enquanto criticava as vacinas, ela tentava emplacar a ozonioterapia como solução do problema das meninas do Acre. A mesma ozonioterapia que ela oferece na sua clínica.

SONORA ALYSSON BESTENE

Olha ela chegou não a oferecer diretamente né? Mas ela dava indícios para isso; ‘Então a gente vai comprovar, fazer isso, o estado depois pode aplicar’. Na verdade, a gente também chegou a receber a Maria Emilia no na Secretaria Estadual de Saúde, né? A gente ouviu os relatos da Maria Emília e que ela tinha para apresentar enquanto isso tudo né, mas ainda muito empiricamente, não é nada ainda assim com dados. Ela queria utilizar esse material para poder fazer experimentos. E aí a gente não dá para tratar a ciência, a saúde dessa forma, né?

THEO: Em linhas gerais, a Maria Emília dizia que a turma do Gallucci não tinha feito os exames corretos, que as meninas precisavam de um segundo diagnóstico. E que, dependendo da situação, deveriam buscar um tratamento mais amplo, com soluções como as oferecidas por ela. A Socorro, da vigilância epidemiológica, também lembra dessas tentativas de emplacar a ozonioterapia.

SONORA SOCORRO MARTINS

Felipe: O que você lembra de ozonioterapia aqui?

Socorro: Então, eu lembro que uma médica veio na época falar, colocar ozonioterapia como uma terapia para que as crianças jovens adotassem para reverter o quadro.

THAIS: Além de tentar influenciar políticos e gestores da saúde pública, a Maria Emília fez um corpo a corpo forte com as mães das jovens para tentar aplicar a ozonioterapia ou outros tratamentos sem comprovação como resposta à vacina do HPV.

SONORA JOSÉ GALLUCCI-NETO

Só para contextualizar, gente: são pessoas muito simples, com uma privação cultural importante, com uma estrutura de família extremamente paternalistas. Várias famílias com dificuldade financeira e com histórico de abuso, abuso emocional, abuso sexual. Então são famílias bem vulneráveis

THAÍS: Esse aspecto que o Gallucci trouxe é um dos mais tristes e revoltantes. As pseudociências e as promessas milagrosas de cura miram as pessoas mais fragilizadas. E de quebra, geram efeitos negativos que ecoam pela sociedade.

THEO: Vamos dar dois exemplos acreanos dos efeitos negativos desses discursos picaretas, para além da queda nas coberturas. O primeiro: depois que entenderam as causas por trás das convulsões e crises que algumas jovens do Acre vinham apresentando, o governo, a USP e o Ministério Público criaram um protocolo especial de atendimento na Policlínica do Tucumã, um bairro de Rio Branco. Tinha neurologista, psiquiatra e psicólogos dedicados para atender as meninas e resolver as crises psicogênicas. Tudo pelo SUS, de graça. Só que a Policlínica ficou às moscas.

SONORA OCIMAR SALES

Mas a partir de então houve uma evasão, eles começaram a faltar e só buscavam, só iam efetivamente à consulta para renovar laudos e buscar receitas.

THAÍS: Essa voz é do promotor de Justiça Ocimar Sales Júnior, que cuida de casos relacionados à saúde no Ministério Público do Acre. Ele está no cargo desde o ano passado, no lugar do Gláucio Oshiro, o cara que organizou o acolhimento e a investigação do caso das meninas do Acre, e segurou uma barra pesada para a vacinação não ser suspensa quando tudo estourou.

THAIS: A Chloé e o Felipe foram até a policlínica do Tucumã e conversaram com uma das funcionárias responsáveis por atender as meninas. Só duas garotas atualmente fazem acompanhamento com ela - e trabalham questões que nada tem a ver com a vacina. Mas a agenda dela segue com um dia fixo na semana bloqueado para todas as

outras. Ah, e o pessoal também contou que a Maria Emília chegou a fazer uma reunião lá para incluir a ozonioterapia como parte do protocolo de atendimento das meninas.

THEO: Mas bom, o segundo exemplo de como discursos anticientíficos como os da Maria Emília fazem mal para a sociedade é o da história da Iolete e da Eduarda. Conta aí, Chlô.

CHLOÉ: Então, a gente foi lá na casa dessa família, que recebeu a gente super bem, naquele baita calorão. Foi um alívio, porque no geral o pessoal estava receoso de falar sobre a Abravac, parece que a história ainda é bem sensível por lá. A Eduarda, filha da Iolete, essa que a gente visitou, tinha uma epilepsia do lobo temporal por esclerose do hipocampo no cérebro. Esse nome grande indica um quadro que causa ataques epiléticos na infância. Logo depois de ela tomar a vacina do HPV, as crises voltaram e ela foi procurar ajuda. Não tinha nada a ver com a vacina, era o lance da associação temporal. A própria Iolete nunca desconfiou da vacina, mas acabou entrando no bolo das mães da Abravac.

SONORA IOLETE

Então eu já sabia que ela não dá, que o que aconteceu com ela não foi da vacina. Mas algumas mães falaram assim: “Foi, foi”. Então a gente entrou nesse grupo porque a gente queria uma solução, uma cura para ela.

CHLOÉ: A Eduarda foi uma das jovens que viajou até São Paulo para participar do estudo da USP. E lá ela recebeu o diagnóstico daquela epilepsia de nome comprido. Mais pra frente, em 2022, ela fez uma cirurgia em São Paulo e hoje está bem, sem convulsões. Só que quase que tudo isso não aconteceu por causa das interferências das outras mães da Abravac, que insistiam na tese de que era a vacina do HPV a causadora das convulsões e das crises.

SONORA IOLETE

Lá em São Paulo, algumas mães tentaram me ligar para saber como é que a gente estava sendo tratada. Eu falei: “Gente, vocês estão perdendo a oportunidade de achar solução para os filhos de vocês, porque aqui tanto ela como eu está sendo bem tratada, uma equipe maravilhosa de médico que cuidou dela”. Aí algumas mães desistiram, outras. E as novas que estavam entrando no grupo, as mais antigas faziam a cabeça dessas mães, então elas não iam.

CHLOÉ: E não parou por aí. Mesmo depois da cirurgia, a Iolete foi assediada.

SONORA IOLETE

Aí depois que ela fez a cirurgia, ela me ligou de novo, essa mãe perguntou: “Como foi a cirurgia da Eduarda?” Falei: “Foi muito bem, graças a Deus. Ela não está sentindo mais crise. Ainda está tomando os remédios sim, porque como é remédio forte, ele tem que fazer o desmame aos poucos do remédio dela”. “Ah, então não correu tudo bem porque ela ainda está tomando remédio”. Eu falei: “Não, não é assim”.

CHLOÉ: Desde que o pessoal da USP concluiu o estudo em 2019, ainda pintou uma ou outra crise psicogênica relacionada com a vacina. Mas a maioria das adolescentes daquela época ficou bem e seguiu a vida.

CHLOÉ: Porém algumas mães, incitadas inclusive pela Maria Emília e outros profissionais que passaram por lá oferecendo curas milagrosas, seguem tocando a Abravac. Eu e o Felipe fomos ver a sede da Abravac. Ela fica num bairro relativamente nobre de Rio Branco, pertinho do Conselho Regional de Medicina do Acre, de universidades e da Avenida Ceará, uma das mais importantes da cidade. Pelo vídeo que aparece no site da Associação, é uma casa grande, recém-reformada. E tem algo no mínimo estranho: consultórios com macas, onde algum tipo de tratamento poderia ser aplicado. Por que uma associação de pacientes teria um espaço para atendimento médico, que as mães não podem oferecer?

CHLOÉ: A gente esmiuçou o site e as redes sociais da Abravac e descobriu que um dos benefícios para os sócios é o acesso a serviços, entre eles... adivinha? A ozonioterapia. Essa imagem também está no nosso material de apoio. Parece que lá no Acre, a repercussão do caso da vacina do HPV foi decisiva na adesão à vacina, e a história ainda tira o sono de muita gente. Mas a Abravac, a associação que nasceu disso, é praticamente ignorada na cidade.

CHLOÉ: A percepção das pessoas que a gente conversou é parecida com a nossa: de que é a Maria Emília que está por trás da associação. Ela estaria usando a Abravac como uma plataforma política bem longe do Acre, tipo na Avenida Paulista e no Hotel Pestana. Onde está a Associação, aparece a médica, e vice-versa. Como a associação é privada, não dá pra exigir transparência em relação ao financiamento, é uma prestação de contas feita só para os sócios. Oficialmente, a associação se mantém por meio de doações e de uma contribuição mensal de R\$20 de seus associados. A gente ligou pra Edilene, a fundadora da Abravac, pra tentar tirar umas dúvidas.

CHLOÉ: Ela pediu pra gente encaminhar por e-mail as perguntas, porque estava saindo para o culto da igreja dela. Então eu enviei uma mensagem para a assessoria de imprensa da Abravac com perguntas sobre número de associados, sobre financiamento, sobre a existência de alvará para oferecer tratamentos de saúde, e

também sobre qual é a ligação da associação com a Maria Emília. A resposta nunca chegou. De todo modo, é certo que a ligação entre a médica e a associação é forte, como mostram dezenas de vídeos, incluindo o do striptease que apareceu no começo do episódio. E, como a gente falou no episódio do movimento antivacina da primeira temporada, a firma de advocacia que representava a Abravac é a mesma da Sociedade Brasileira de Ozonioterapia Médica, que é presidida pela Maria Emília.

THEO: Ah, e só mais um comentário sobre isso: o e-mail da Chloé com as perguntas foi parar nos grupos antivacina que a gente mapeia. Eles inclusive divulgaram nossos contatos, o que é um modus operandi bem parecido com o da Maria Emília.

THAIS: Atualmente, a Abravac está mais voltada contra o passaporte vacinal e os imunizantes contra a Covid, igualzinho a Maria Emília. E aliás, a adesão a essa vacina também está deixando a desejar no Acre, em especial no público infantil.

SONORA OCIMAR SALES

É, não atinge metade do público infantil, o público de 5 a 11 anos nós temos estimado em 120 mil. E desse público a gente alcançou apenas 40,76%, sendo que, com relação a segunda dose, apenas 14,32%.

THAIS: Os especialistas ouvidos na apuração desse episódio disseram que as notícias falsas sobre os perigos das vacinas da Covid em crianças pegam forte nos acreanos, apesar de entre os adultos a adesão à vacina ser considerada boa. Em janeiro de 2022, uma menina passou mal por problemas intestinais na cidade de Brasileia, interior do Acre, pouco tempo depois de tomar a vacina da Pfizer. E aí na sequência alguém tirou uma foto da menina e começou a circular um áudio no WhatsApp de um abre aspas “conhecido da Associação Brasileira de Vítimas de Vacinas do Acre”, dizendo que médicos de São Paulo atestaram o derretimento do fígado causado pela vacina.

ÁUDIO WHATSAPP

A Abravac entrou em contato com a mãe e o pai, certo, pegou os exames dessa criança, enviaram para médicos de São Paulo, e os médicos falaram que criança está com derretimento do fígado causado pela vacina. Porque a criança está morrendo, a mãe está desesperada, ninguém sabe o que fazer. E não teve só essa criança, teve mais duas crianças que tiveram reação à vacina, e estão em casa.

THAIS: A própria mãe da menina foi surpreendida com a repercussão, porque não foi ela que fez o auê todo. O pessoal antivacina estava forçando a barra mesmo.

SONORA DAÍLA TIMBÓ

Não sabemos quem tirou a foto da criança, né? A mãe me falou que elas soube através da mãe dela, que ligou desesperada porque já estava sabendo da foto da neta circulando nas redes sociais e ficou preocupada, porque já estavam começando a pedir dinheiro para a criança. Pedindo PIX, pedindo isso, pedindo aquilo. Sendo que a criança não estava com tudo aquilo.

THAÍS: A criança foi praticamente revirada do avesso por um comitê técnico estadual. Depois de fazer vários exames, eles confirmaram que o problema de saúde dela não tinha nada a ver com a vacina. A Daíla assinou uma nota técnica sobre o assunto.

SONORA DAÍLA TIMBÓ

A criança fez ultrassom, tomografia, e não tinha nada de alteração no fígado, no baço, em qualquer outra víscera dessa criança. E assim e foi descartado totalmente.

THEO: A ação da Maria Emília no Acre causou tanto problema que, em fevereiro de 2020, médicos e gestores de saúde pública se uniram para formalizar uma denúncia contra ela no Conselho Regional de Medicina de lá. A gente teve acesso a essa denúncia, que é assinada por profissionais muito respeitados. Ela dá detalhes do lobby antivacina feito pela médica, com os e-mails enviados aos gestores e as notícias falsas disseminadas na imprensa do Acre. A denúncia deixa bem clara a gravidade da situação:

“Como dito, os discursos da médica Maria Emília Gadelha Serra estão desprovidos de provas clínicas e técnicas, porém são capazes de insuflar famílias inteiras a não vacinar seus filhos menores contra o HPV, o que desatende o descrito nos arts. 27 e 29 do Decreto nº 78.231/78 e artigo 14 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que tratam da obrigatoriedade da vacinação

THEO: Outro trecho da denúncia diz o seguinte:

Destaca-se, ainda, que a conduta da médica de incitar os pais a não vacinarem seus filhos (o que é crime previsto em lei), está descrita no artigo 268 do Código Penal Brasileiro, senão vejamos: “Infringir determinação do poder público, destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa”.

THAÍS: No documento de 32 páginas, os autores da denúncia desmentem as afirmações da médica sobre a vacina do HPV e mostram em detalhes o lobby feito por ela no Acre, inclusive o e-mail que ela enviou para as autoridades locais e nacionais

apresentando sua tese. Em maio de 2020, o CRM do Acre enviou a denúncia para o CRM de São Paulo, o Cremesp, onde a Maria Emília tem registro. A gente perguntou pro Cremesp em que pé está essa história, mas eles nos disseram que o processo corre em sigilo. Dado o tempo que se passou, é possível que a história não dê em nada.

THEO: A Chloé, aliás, resolveu fazer sua própria investigação, mas mais focada na obsessão da Maria Emília com a ozonioterapia. E descobriu que ela é próxima de uma das principais fabricantes de geradores de ozônio no país. Em 2005, a Maria Emília fundou a Sociedade Brasileira de Tecnologia em Ozônio com o cardiologista Edison de Cezar Philippi, dono da Philozon, em Santa Catarina. O Edison Philippi morreu logo depois, mas a empresa seguiu próspera com a filha dele, a farmacêutica Leticia Phillipi, e [faturou 35 milhões de reais em 2021](#), segundo matéria da Exame. Leticia é diretora secretária da Associação Brasileira de Ozonioterapia (Aboz), e atualmente a Maria Emília é diretora da Sociedade Brasileira de Ozonioterapia Médica, a Sobom. Sim, tem um monte de associações de ozonioterapia por aí. Enfim, ela palestra nos mesmos congressos que a Maria Emília, e [as duas fazem lobby juntas pela ozonioterapia no congresso, nas assembleias estaduais, no CFM](#) e por aí vai.

THAIS: [As duas até viajaram juntas em 2019 pra Portugal](#) a convite de deputados para conhecer a prática da ozonioterapia no país. Viagem paga pelo menos em parte com dinheiro público, já que as despesas com hospedagens e passagens estão descritas nos relatórios dos parlamentares e na Anvisa. Em entrevista para o site da Jovem Pan em maio de 2022, a Leticia falou sobre o seu sonho:

“Vou citar aqui um sonho que envolve uma conquista para toda a população brasileira: que o Conselho Federal de Medicina (CFM) regulamente a ozonioterapia para, finalmente, disponibilizar a técnica para ainda mais pessoas.”

THEO: Enquanto a Maria Emília, a Leticia e a turma delas seguem buscando seus sonhos, o poder público tenta aprender as lições trazidas pelo caso, como a necessidade de acolher melhor a população quando acontece alguma coisa parecida com o episódio das adolescentes no Acre.

SONORA OSVALDO LEAL

Disso tudo, uma necessidade de uma abordagem pública mais rápida, eficaz, de acolhimento efetivo dessas famílias, essa coisa toda né? Esse gap, até acontecer e você: “Não, não foi a vacina”. Claro. Mas por que não foi a vacina? E essas coisas tomarem uma proporção que se perdeu em tese não o controle em si, mas a narrativa se estabeleceu de outra forma, né?

THAÍS: Outra lição foi a de ficar mais atento ao surgimento de boatos e investigar se de fato há alguma ligação com a vacina, como aconteceu com a menina de Brasília. Mas o mais importante mesmo, que é recuperar o estrago sendo feito pelo movimento antivacina, parece difícil.

SONORA SOCORRO MARTINS

É algo que a gente precisa ter umas estratégias, eu não sei qual. Porque nós já usamos todas as estratégias que estavam ao nosso alcance e não conseguimos reverter esse quadro.

THEO: Com apoio institucional e aliados poderosos, essa pauta até então incipiente vai ganhando força no Brasil. Só nos grupos antivacina que a gente monitora no Telegram, são 218 mil inscritos. Verdade que muitos usuários estão em mais de um desses grupos, mas dá pra ter uma ideia do tamanho desse submundo. Um levantamento do site Aos Fatos mostra que, até novembro de 2021, canais antivacina no Telegram somaram mais de 2,9 milhões de visualizações.

THEO: Nós mandamos um e-mail para a Maria Emília sobre alguns pontos desse episódio. A gente queria saber mais sobre a ligação dela com a Abravac e com a Philozon, sobre a eventual aplicação de ozonioterapia nas meninas do Acre, sobre a denúncia no conselho regional de medicina e até sobre a assinatura do e-mail com a frase do Goebbels. Até o fechamento da edição, ela não respondeu pra gente.

SONS DE TIROS A LASER E ESPAÇONAVES

THAÍS: O filósofo inglês Timothy Morton diz que vivemos em uma era de hiperobjetos: são fenômenos tão grandes que não conseguimos senti-los ou vê-los em sua totalidade. Então a gente tende a menosprezá-los, como acontece com o aquecimento global. Para explicar o que é um hiperobjeto, Morton usa uma cena do filme O Império Contra Ataca, o segundo da franquia Star Wars.

THEO: Nessa cena, o Chewbacca, a Princesa Leia e o Han Solo tão fugindo dos caças do Império na Millennium Falcon quando de repente pensam ter encontrado abrigo numa caverna em uma espécie de asteroide. Só que, na verdade, eles estavam dentro de um verme gigante, pronto para devorá-los. O trio percebe e consegue escapar no último instante. Às vezes parece que o movimento antivacina e a hesitação vacinal de forma mais ampla são que nem um hiperobjeto. A gente fica ouvindo todo mundo falar que no Brasil essas coisas não pegam, que por aqui todo mundo ama se vacinar, que o Zé Gotinha é lindo. E aí de repente tem esse parasita gigante abocanhando parte do

sistema de saúde, e muito por conta de figuras como a Maria Emília, que agora está entrando pra política.

THEO: Para usar uma outra analogia da mesma franquia, é só lembrar que o principal vilão da série, o imperador Darth Sidious, que enfiou o universo inteiro num reinado de obscurantismo, começou a vida pública como o senador Palpatine, um representante eleito que acolhia as aflições de gente atormentada, que tinha bons conselhos e fala mansa, mas que na real estava articulando em benefício próprio nos bastidores.

THAIS: Não dá pra vacilar mais, não. Pessoas como a Maria Emília estão ganhando espaço, se candidatando, e podem, se eleitas, carcomer ainda mais as bases dos nosso Programa Nacional de Imunizações, que já está bem sofrido. O movimento antivacina não é mais uma ameaça fantasma: ele está aí, forte, e contando com respaldo de algumas autoridades públicas, inclusive.

===== ENCERRAMENTO =====

THAIS: O Ciência Suja é apresentado por mim, Thaís Manarini.

THEO: E por mim, Theo Ruprecht. A produção é da NAV Reportagens, do Felipe Barbosa e do Pedro Belo.

THAIS: Este episódio teve a apuração e roteiros feitos pela Chloé Pinheiro e pelo Felipe Barbosa. Eu, o Theo e o Pedro editamos e revisamos o texto.

THEO: O episódio é fruto daquela parceria com o Instituto Questão de Ciência que a gente comentou. As trilhas e a edição de som são do Felipe Barbosa. Neste episódio, nós usamos áudios de materiais compartilhados no Whatsapp, no Telegram, do filme O Império Contra-Ataca, Instagram, do vídeo oficial do evento Invisíveis Experimentais e do Youtube.

THAIS: O nosso projeto gráfico e as artes de capas do episódio são trabalho da dupla Mayla Tanferri e Guilherme Henrique.

THEO: Para saber mais e para ter acesso ao conteúdo extra desse episódio, acesse o nosso site, que é uma criação do Estúdio Barbatana, é o cienciasuja.com.br, ou as nossas redes. A gente tá no Instagram, no Twitter e no Facebook. Você encontra o nosso podcast nas principais plataformas de áudio e no YouTube.

THAIS: Esta segunda temporada tem o apoio do Instituto Serrapilheira.

THEO: As vozes complementares são de Pedro Belo e Betina Neves. A gente volta com um episódio inédito em duas semanas, e com o mesacast na quinta que vem. Até lá!